

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ANDREIA ARAÚJO SOUZA

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA PRESENTE NA SALA DE AULA DO ENSINO
FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DE
TEXTOS DISSERTATIVOS/ NARRATIVOS**

PARINTINS

2022

ANDRÉIA ARAÚJO SOUZA

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA PRESENTE NA SALA DE AULA DO ENSINO
FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DE
TEXTOS DISSERTATIVOS/ NARRATIVOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título
de licenciado em letras pela Universidade do
Estado do Amazonas.

Orientador: Prof. Msc. Franklin Roosevelt
Martins de Castro.

PARINTINS

2022

RESUMO

Neste trabalho vamos tratar da variação linguística na vida escolar de alunos do ensino fundamental de uma escola da rede pública do interior do Amazonas, mais precisamente da concordância nominal e verbal em textos dissertativos e narrativos, onde através de análises feitas foi constatado a falta de concordância em produções textuais, onde alunos apresentavam sua opinião crítica a cada oficina ministrada na respectiva escola, nessas produções encontramos os fenômenos linguísticos citados e que foram a razão pela qual este trabalho se fez necessário.

Palavras-chave: língua, variação, ensino, escola, produção textual.

ABSTRACT

In this work we will deal with linguistic variation in the school life of elementary school students at a public school in the interior of Amazonas, more precisely the nominal and verbal agreement in essay and narrative texts, where through analyzes carried out it was found that there was a lack of agreement in textual productions, where students presented their critical opinion on each workshop given in the respective school, in these productions we found the linguistic phenomena mentioned and which were the reason why this work was necessary.

Keywords: language, variation, teaching, school, textual production.

INTRODUÇÃO

A proposta deste projeto se deu a partir de um projeto de extensão realizado em uma escola estadual da rede pública nos anos de 2018/2019, onde foi observada a recorrência do uso da variação linguística dentro e fora da sala de aula, mas principalmente nos textos de cunho dissertativos, até mesmo os narrativos, nos quais se demandava que o aluno fizesse o uso de sua capacidade de escrever ou fazer uma releitura de textos originais da literatura infanto-juvenil.

Desta forma, buscaremos observar mais atentamente este fenômeno entre os alunos de 6º e 7º anos e de que forma os professores de língua portuguesa abordam este assunto e qual a metodologia usada para que esta variação não passasse despercebida e tão pouco deixada de ser melhor trabalhada dentro do âmbito escolar sem se tronar mais uma demonstração de preconceito linguístico. Também verificaremos a possível causa do uso dessas variações dentro das produções textuais dos alunos.

OBJETIVOS

Geral: analisar os tipos de variação linguística presentes em textos dissertativos das turmas de 6º e 7º anos do Ensino fundamental em uma escola pública de Parintins.

Específicos:

- Identificar qual o tipo de variação linguística predominante nos textos dissertativos das turmas de 6º e 7º anos desta escola;
- Evidenciar o meio social do aluno, o tipo de cultura presente e o ponto que determina o uso de tal variação.
- Explorar de que forma o professor de língua portuguesa utiliza este fenômeno em suas aulas.

JUSTIFICATIVA

Como dissemos anteriormente a proposta deste projeto nasceu a partir de um projeto de extensão realizado em uma escola estadual da rede pública nos anos de

2018/2019. E é com bases em textos produzidos neste período e durante a realização do projeto que buscaremos entender a que se atribui este fenômeno, mostrando que, mesmo com o uso da língua não padrão, o aluno destaca-se pela variabilidade de sua língua, e, desta maneira, não se limita a essas determinadas formas tradicionais de se escrever. Pelo contrário, é no uso de formas linguísticas diversas que o indivíduo se torna um falante crítico dentro da sociedade e de sua própria língua.

Os alunos tendem a ter contato com diversos grupos sociais tanto dentro, quanto fora da escola, o que, logo, implica a ocorrência da variação linguística, pois, apesar de os alunos pertencerem a séries finais do Ensino Fundamental, muitos deles já se definem a partir de seu gênero sexual, seu grupo de convívio e, mais ainda, pelos modos de expressão corporal e linguística.

Talvez isto justifique o fato de que, apesar do empenho dos professores de Língua Portuguesa, muitos dos alunos têm resistência em seguir a norma padrão justamente pelo contato com diversos grupos e quando pedido que seja escrito algo que precise que os alunos sejam críticos e espontâneos, esse contato com diversos grupos acaba influenciando no resultado final de suas produções textuais e até mesmo em sua oralidade. Desta forma, através das produções textuais e do contato com os alunos desta escola, tentaremos obter respostas para o uso destas variações quanto aos tipos de variação mais presentes no cotidiano escolar tendo por base alguns depoimentos.

Este trabalho se justifica pela possibilidade de tornar mais acessível o contato e o conhecimento acerca da variação linguística, visto que a escola em questão é situada em uma região periférica, com histórico de violência e com um índice de defasagem escolar bem significativo. Diante desses fatos, algumas perguntas se tornam essenciais: quais tipos de variação linguística os alunos utilizam em seu dia a dia? Como os professores lidam com estas variações? Há preconceito linguístico da parte do corpo docente da escola em relação ao modo de falar do aluno? E quais as consequências deste uso linguístico nas turmas de 6º e 7º ano desta escola?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

Sabemos que há diversas formas de se interpretar o modo de falar dos alunos dentro da sala de aula. Em se tratando do âmbito escolar, estas normas deveriam ser

seguidas de maneira mais rígida, porém a realidade da rede pública de ensino pública torna essa prática algo que fica a critério do aluno.

Há aqueles alunos que buscam fazer o uso da norma culta dependendo do lugar. Há também aqueles que sentem dificuldades em aplicar esse uso na prática e há aqueles que não estão muito interessados no uso dessa mesma norma culta tanto na fala quanto na escrita. Sendo assim, é preciso uma maneira adequada de abordagem sobre o assunto, visto que alguns alunos não detêm o conhecimento do que seja norma culta, ou língua padrão, e língua não padrão.

A norma culta vem a ser o uso das regras gramaticais (BAGNO, 2002). E sabemos que muitos alunos não fazem o uso correto do ponto parágrafo, ponto seguido, vírgula e ao analisar os demais textos destes mesmos alunos pudemos concluir que isso é uma falha recorrente. E ao mesmo tempo em que não há este uso, os textos analisados apresentam o uso da língua não padrão.

A língua não padrão vem a ser a linguagem informal, que é mais utilizada em situações descontraídas, nas quais há familiaridade com os demais sujeitos, podendo ser feito com uso de gírias, expressões populares, coloquialismos, palavras inventadas (BAGNO, 2002). E é exatamente neste ponto que os profissionais da escola devem estar atentos, para que não haja o entendimento de que simplesmente o aluno não tenha aprendido a gramática ou de que o mesmo não se esforce para entender o conteúdo

Isto porque, apesar de existirem muitos estudos, pesquisas, dados históricos, quando se trata do plano educacional, sempre será aplicado o que se pede pelo PCN e nem todos levam em consideração a questão social, a localidade da escola, os alunos que sentem dificuldade na aprendizagem e o contato que esses alunos têm fora da sala de aula, pois mesmo que este contato seja em outro ambiente, alguns desses alunos sempre acabam levando isso para dentro da escola,

É nisto que reside a presença da variação linguística, cujo falante acaba sofrendo o preconceito linguístico que está implícito na rede pública de ensino por considerar-se que este fenômeno esteja prejudicando o processo de aprendizagem dos alunos e deixando de lado a percepção da língua como um conjunto sistemático e ao mesmo tempo heterogêneo, aberto, flexível, ou seja, como um conjunto de falares utilizado por grupos de falantes que criam e recriam os recursos linguísticos para interagirem uns com os outros, o que nos permite compreender seu caráter variável (ANTUNES, 2009).

Em qualquer língua, de qualquer época, desde que em uso, ocorreram mudanças, em todos os estratos, em todos os níveis, o que significa dizer que, naturalmente, qualquer

língua manifesta-se num conjunto de diferentes falares que atendem às exigências dos diversos contextos de uso dessa língua (ANTUNES, 2009, p. 22). Desta maneira não podemos falar de uma língua homogênea, que é aquela que não sofre mudanças, que em qualquer lugar vai ser falada da mesma forma e vale ressaltar isso, pois nossa sociedade é bastante diversa, há muitas maneiras de falar a mesma coisa de maneiras diferentes em cidades do mesmo estado por exemplo.

A variação linguística é um campo de estudo de muita relevância no campo da linguagem, pois mesmo antes de ser dado como um campo de estudo, já havia muitas questões que envolviam a linguagem e que sempre envolviam a questão social como ponta pé inicial para essa discussão (CALVET, 2002). Estes mesmos estudos discutem que ao mesmo tempo em que a língua é convencional e proporciona a interação entre povos, ela não pode ser considerada também homogênea. E para que a língua em ação fosse estudada como ciência surgiu a necessidade dentro do campo da linguística de se fundar uma nova vertente, isto é, a Sociolinguística, na qual o objeto de estudo é a língua falada no contexto social, ou seja, no uso real da mesma.

Para Antunes (2009), a heterogeneidade faz da língua um ponto de encontro entre nós e nossos antepassados, faz também relação direta com a nossa história, pois está em nossa memória. A autora ainda enfatiza que nossa língua demonstra de onde viemos, quem somos e nos apresenta aos outros, pela forma que falamos, os sons que emitimos, entonação e até mesmo pelo nosso jeito. Assim, as variações linguísticas existem porque as línguas são fatos sociais concretos.

A variação linguística implica em um fenômeno natural que ocorre pela diversificação dos sistemas de uma língua em relação às possibilidades de mudança de seus elementos como vocabulário, pronúncia, morfologia, sintaxe. Ela existe porque as línguas possuem a característica de serem dinâmicas e sensíveis a fatores como região geográfica, o sexo, a idade, a classe social do falante e o grau de formalidade no contexto da comunicação (LOPES, 2002).

Este fenômeno se adequa para atender às necessidades comunicativas e cognitivas do falante. Julgar denominada variante como errada, no conceito da variação linguística implica em dizer que estamos emitindo um juízo de valor sobre o falante e agindo com o preconceito linguístico. E dentro do conceito de variação linguística estão presentes os tipos de variação, que são exatamente o que define o falante, de acordo com a região, grupo social, idade e sexo.

Tendo em vista que o estudo da língua portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental vão além de se ensinar ortografia, gramática e as produções textuais cotidianas do processo de ensino dessas séries, podemos ressaltar os tipos de variação de linguística dentro desse contexto. A variedade regional demonstra a diferença entre as falas dos habitantes de diferentes regiões do país, diferentes estados e cidades. Por exemplo, os falantes do Estado de Minas Gerais possuem uma forma diferente em relação à fala dos falantes do Rio de Janeiro.

Enquanto que as Variedades Sociais são as que possuem diferenças em nível fonológico ou morfossintático. fonológicos - “prantar” em vez de “plantar”; “bão” em vez de “bom”; “pobrema” em vez de “problema”; “bicicreta” em vez de “bicicleta”. Morfossintáticos - “dez real” em vez de “dez reais”; “eu vi ela” em vez de “eu a vi”; “eu truci” em vez de “eu trouxe”; “a gente fumo” em vez de “nós fomos”. (RIGONATTO, 2020)

Já as Variedades Estilísticas são as mudanças da língua de acordo com o grau de formalidade, ou seja, a língua pode variar entre uma linguagem formal ou uma linguagem informal. Linguagem Formal: é usada em situações comunicativas formais, como uma palestra, um congresso, uma reunião empresarial, etc. Linguagem Informal: é usada em situações comunicativas informais, como reuniões familiares, encontro com amigos, etc. Nesses casos, há o uso da linguagem coloquial (RIGONATTO, 2020).

Também podemos enquadrar nesse contexto, o uso da gíria, que é um tipo de linguagem utilizada por um determinado grupo social, fazendo com que se diferencie dos demais falantes da língua. A **gíria** é normalmente relacionada à linguagem de grupos de jovens (skatistas, surfistas, rappers, etc.). O **jargão** é, em geral, relacionada à linguagem de grupos profissionais (professores, médicos, advogados, etc.) (RIGONATTO, 2020).

Para Antunes (2007, p. 104) “a língua só existe em sociedade, e toda sociedade é inevitavelmente heterogênea, múltipla, variável, e por conseguinte, com usos diversificados da própria língua.” Dentro desse contexto, tais diferenças não podem ser vistas como erros, afinal, isso implica em preconceito linguístico, que é bem presente nas instituições de ensino. Bagno (2002), nos diz que:

[...] é interessante estimular nas aulas de língua materna um conhecimento cada vez maior e melhor das variedades sociolinguísticas para que o espaço de sala de aula deixe de ser o local para estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos (BAGNO, 2002, p. 134).

Bagno quer dizer que a escola tem que abrir um espaço que dê visibilidade ao maior número de manifestações linguísticas, realizadas no maior número de gêneros textuais e de variedades de língua: rurais, urbanas, orais, nos quais a escola se mostre disposta a discutir e integrar todos os gêneros onde a língua se concretize.

Sendo assim o papel da escola com relação a sociolinguística é fundamental para que haja uma maior interação e conhecimento, não podendo simplesmente ignorar as peculiaridades linguísticas e culturais dos alunos, substituindo-as pela língua da cultura institucionalizada e conforme os estudos feitos. Sabe-se que essas variedades linguísticas devem ser respeitadas e valorizadas, pois a língua é um bem cultural de suma importância para a ascensão social. Bortoni-Ricardo (2009), nos fala que:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade” (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 15).

Neste contexto, a escola precisa dar suporte e dar apoio ao uso das variações linguísticas utilizadas pelos alunos, levando em consideração o âmbito no qual estão inseridos e quais os elementos que influenciam para o uso deste fenômeno sendo assim melhor compreendido e aproveitado.

METODOLOGIA:

Este projeto de pesquisa se deu em decorrência da realização do projeto de extensão-PROGEX, no ano de 2018 ofertado pela Universidade do Estado do Amazonas em prol a aplicação de oficinas de literatura infanto-juvenil que facilitassem o contato dos alunos com as obras de autores amazonenses.

A partir dessas oficinas, observamos essa deficiência na prática de leitura dos alunos. Em grande maioria, nunca haviam tido contado com a literatura amazonense. O primeiro ano do projeto foi implantado na Escola Estadual Irmã Sá, sob a orientação da Professora Msc. Delma Pacheco Sicsu, que no presente momento coordenava todas as atividades propostas aos alunos. As séries para qual o projeto estava voltado eram do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, que consistiam na prática de leitura, atividades escritas e orais.

As turmas tinham alunos nas faixas etárias de 11 e 16 anos, a escola por ser localizada em uma região periférica apresentava um índice de defasagem bem significativa. Dessa forma, alguns alunos do 6º ano, por exemplo, já estavam com uma idade bem avançada para aquela turma. No 9º ano também havia estudantes transferidos de outras escolas por motivo de violência e repetência e muitos deles mal sabiam fazer uso da gramática normativa bem como da ortografia corretamente,

Todas as atividades apresentadas aos alunos exigiam que eles fossem participativos, que fossem críticos com relação às oficinas e que pudessem dar suas contribuições e sugestões para melhoria do projeto ao longo do período ministrado. Tínhamos dois dias da semana para aplicarmos as oficinas e obter as atividades pedidas. No final de cada mês os alunos escreviam seus próprios textos, com suas impressões sobre o projeto, daí então foram recolhidos textos das turmas acima citados e era feita a leitura minuciosa de cada produção textual e também a devida correção de erros ortográficos e gramaticais para que juntos pudessemos obter melhora em seus processos de aprendizagem.

O projeto voltado para literatura fez despertar nos alunos a vontade de criar, recriar e contar suas experiências de leitura, assim a medida que o projeto avançava observamos que a presença da variação linguística nas produções livres daqueles alunos. A cada texto recebido, destacávamos um tipo específico de variação, dentre elas a variação fonética, variação morfológica, a variação sintática, a variação diastrática, a variação geográfica. Desde então, tendo em vista o aproveitamento do material obtido, foram feitas seleções de alguns textos para que fossem melhor analisados, tanto em sua estrutura quanto em suas variações linguísticas.

Apesar da demanda de produções textuais terem sido satisfatórias em todas as turmas onde foram aplicadas as oficinas, notou-se que os textos das turmas de 6º e 7º anos, em sua maioria eram textos bem elaborados e que apresentavam variações linguísticas marcantes em fonética, sintaxe e morfologia recorrentes em todas as produções durante todo o projeto.

Fizemos estudos de dados com relação à faixa etária, condição socioeconômica, estrutura familiar e grupos sociais integrantes. Os alunos dessas turmas assim como nos seus textos, apresentavam essas variações também em suas atividades orais, entre seus grupos de estudos, grupo de amigos, o que chamava bastante atenção, pois apesar de estarem em um ambiente escolar, era natural que houvesse a presença de variações tão marcantes.

No final do projeto foram totalizados 5 tipos de produções textuais, que renderam um pouco mais de 100 textos, já que nem todos os alunos eram assíduos. Estes alunos de faixa etária entre 11 e 14 anos de idade não usavam a norma culta e era bastante presente a língua não padrão, destes textos foram extraídos aqueles cujos em suas escritas eram marcados pelo uso das variações destacadas, assim como houve destaque para a chamada linguística variacionista de Willian Labov, na qual o linguísta descreve que não há falantes com um único estilo, todos apresentam variações fonológicas e sintáticas em suas manifestações linguísticas (BAGNO, 2009)

Deste modo, a língua se apresenta como heterogênea e passível de mudanças de acordo com o contexto social apresentado e é exatamente o cenário que o projeto proporcionou durante sua aplicação, um campo de estudos linguísticos vasto, onde alunos e professores nos mostraram o quanto ainda há muito para ser discutido e compreendido sobre os estudos da variação linguística presente no âmbito escolar.

Isto porque as escolas seguem o que determinam os PCN's e a LDB que direcionam os estudos da língua portuguesa para o ensino da norma culta e língua padrão, não levando em consideração os elementos que determinam a mudança da língua, no que diz respeito ao lugar, classe social e os grupos que redirecionam essas mudanças.

Os textos analisados durante o projeto de extensão por si só demonstravam que os alunos compreendem que estejam passando por um processo de variação linguística. E é o que influencia para que estas variações estejam tão presentes em seu cotidiano.

Isso porque os textos relatam as experiências na escola, na vida cotidiana, na literatura e é o que compreendem como leitura já que o projeto teve início com o intuito de aproximar estes alunos da literatura regional. Portanto, através dos dados coletados e das análises feitas com base na teoria variacionista e de acordo com as variações linguísticas presentes nessas turmas, esperamos suprir a deficiência que ainda há nas escolas com relação a língua como ciência e somar conhecimento para com aqueles que ainda entendem essas mudanças como “erro”, não buscando compreender e ajudar com esse fenômeno, mas sim tentando modificar este elemento natural.

Referencial teórico

Para que se possa analisar e obter os resultados que se esperam do presente artigo com base nos textos apresentados, é necessário primeiramente que se conheça mais profundamente a origem dos estudos que possam responder as problemáticas levantadas, pois a vivência do dia a dia no contexto escolar contribui bastante para que se possa abordar tais estudos em torno da língua. Há muitas formas de manter uma comunicação entre falantes, sejam eles do mesmo grupo social ou não, há uma variedade infinita de signos linguísticos e são estes signos que trouxeram para o ramo da ciência a linguagem como objeto de estudo, daí então a importância da sociolinguística para fundamentação dos questionamentos que surgem em torno da língua como ciência, sendo que a sociolinguística corresponde a uma parte da Linguística que tem seus estudos voltados para a Língua, cultura e sociedade.

A sociolinguística nasceu nos Estados Unidos a partir dos estudos de Labov em 1960, com isso trazendo para este eixo uma parcela de grande contribuição para o ensino, bem como fez surgir a Sociolinguística Educacional, cujos estudos são pautados na relação entre a linguagem e o ensino, que BORTONI-RICARDO, 2004 também com intuito de mudar o quadro a cerca linguística levanta questionamentos com o propósito de mudar esse quadro tão limitado no contexto escolar, trazendo para discussão a Sociolinguística Educacional e as possíveis manobras que visam o aperfeiçoamento da linguística dentro do processo de aprendizagem dos alunos. Bortoni Ricardo (2005) nos permite fazer uma reflexão acerca da Sociolinguística Educacional, pois sendo uma vertente dos estudos sociolinguísticos e inspirador, nos permite verificar a variação linguística nos contextos educacionais e sociais. Esses estudos nos permitem o aprofundamento da reflexão linguística, levando o professor e o aluno a observarem o fenômeno da variação linguística no seu acontecer, reconhecendo a legitimidade de cada uma delas e compreendendo a importância de se tornarem competentes no uso das variedades, como uma forma de inclusão social (SILVA & FREITAS, 2015).

Estudos de Bortoni-Ricardo em conjunto com outros pesquisadores traz para discussão o fato de que a escola também tem que instigar nos seus alunos suas competências linguísticas, ampliando suas falas de acordo com o que o ambiente em sua volta oferece. Cyranka é um dos que partilha e defende esta pauta.

Cabe à escola, isso sim, levar os alunos a ampliarem sua competência linguística, tornando-se capazes de transitar pelos contínuos chegando, quando lhes convier, a situarem-se na extremidade direita de cada um deles, para construir expressões

linguísticas próprias da fala urbana, monitorada, em eventos de letramento (CYRANKA et al, 2014, p. 79).

Além do que a Sociolinguística Educacional propõe que tais de discussões que permeiam os estudos da língua sejam levados para de aula, pois é dentro da sala de aula que muitas perguntas sobre a linguística surgem, pois é dentro desse ambiente que se tomam notas sobre as variações presentes no cotidiano dos alunos.

Cyranka, “2016, p.169” sobre a educação sociolinguística diz que:

[...] A Sociolinguística Educacional propõe que se leve para as salas de aula a discussão sobre a variação linguística, orientando os alunos a reconhecerem as diferenças dialetais e, mais importante, a compreenderem que essas diferenças são normais, legítimas e que devem ser consideradas na seleção das estruturas a serem utilizadas a depender das condições de produção, isto é, das necessidades do leitor/escritor, falante/interlocutor, a partir do contexto em que se encontra. Desse modo, o conceito de ‘certo/errado’ em linguagem é substituído pelo de ‘adequado/inadequado’, o que predispõe os alunos ao desejo de ampliarem a competência comunicativa que já possuem, construindo crenças positivas sobre o conhecimento que têm de sua língua, no caso, a língua portuguesa.

A sociolinguística assim como toda ciência detêm vários parâmetros, sejam eles teóricos ou metodológicos tanto para a variação, quanto para a mudança. Mollica e Braga 2003 diz que, uma das linhas mais adotadas é a teoria da variação que, instrumentaliza a análise sociolinguística.

Calvet “2002” defende que a língua é uma realidade da sociedade, Labov “1972” também considera que o fato de a língua ser um determinante de variações, sejam elas regionais, culturais estão intrinsecamente ligadas a sociedade, considerando-a heterogênea assim tornando-a necessária para os estudos, podendo mostrar as variantes das formas linguísticas dentro de uma comunidade. Tais estudos e pesquisas apontam a importância da Sociolinguística e como o ensino da mesma na língua portuguesa podem ajudar a extinguir a implementação da gramática normativa de maneira soberana nas redes de ensino, Entretanto, é sabido que foi com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) que se reconhece a importância da abordagem da variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa. Nos PCN (1998),

observamos uma nova postura para o ensino de Língua Portuguesa que vai para além do ensino da gramática normativa, com o reconhecimento, conforme já mencionado, das variedades linguísticas.

Não se pode mais insistir na ideia de que o modelo de correção estabelecido pela gramática tradicional seja o nível padrão de língua ou que corresponda à variedade linguística de prestígio. Há, isso sim, muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não-padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando são, não são objeto de avaliação negativa (BRASIL, 1998, p. 31).

A sociolinguística como campo da ciência avança com intuito de agregar mais conhecimento ao aprendiz e conseqüentemente fazer com que ela seja compreendida e estudada para que o falante não seja rotulado como aquele que “fala errado”, como o indivíduo que não obtém os meios necessários para aperfeiçoar sua fala, pois como a própria linguística explica existem diversas maneiras de se entender a língua e muitos fatores que contribuem para que haja tantas variações na sociedade. Em sala de aula por exemplo o meio em que o aluno está inserido, seu grupo social, familiar e até mesmo grupo religioso implica para que a variação linguística seja bastante presente no cotidiano escolar.

Para Suassuna (2006, p.227) por muito tempo, o ensinar português era sinônimo de aplicar regras gramaticais que normatizam a variedade linguística padrão, apresentadas nas gramáticas tradicionais, como modelo do bom uso da língua. Isso apesar das muitas teses e experimentos ainda é uma questão em aberto nas salas de aulas observadas, na maneira como os professores lidam com as questões de variação linguística, nota-se que ainda há muito a ser feito a respeito, a sociolinguística e o ensino enfrentam um desafio em relação a aprendizagem, pois os professores tem como obstáculo as regras normativas, gramaticais, o que acaba por confundir o ensino do português com o ensino de uma norma padrão homogeneizada que não se assemelham em nada com as mais diversas expressões socioculturais do país. A variação linguística está presente em todos as classes sociais e mesmo que não compreendida como uma variação linguística, é ela quem ditará seu nível de instrução perante a sociedade e é a falta de informação sobre esta que possibilita que

muitos falantes passem pelo processo de preconceito linguístico. O preconceito linguístico vivo e atuante é uma realidade inegável no Brasil (Bago, 1999; 2000). Desta maneira o processo de aprendizado tem que enfrentar muitos obstáculos, mesmo diante de inegáveis pesquisas, teses levantadas tem-se ainda de haver o policiamento no que tange o ensino “correto” da língua, as variáveis atingem muitas esferas dentro do contexto escolar, como dito antes os professores de língua portuguesa ainda se prendem as questões da gramática e norma padrão e aqueles que desejam se desvencilhar desta pratica imposta a eles tem que se debruçar sobre as pesquisas e estudos trazidos pela sociolinguística e pelas teorias linguísticas de inspiração não essencialistas, pois já é provado que do ponto de vista científico não existe erro da língua e sim variação e mudança e ambas não são acidente de percurso, são tão somente consequência da natureza de todas as línguas.

A variação e as variantes linguísticas ocorrem das seguintes formas, o local em que o indivíduo mora, o contexto familiar, a região em que mora, sua orientação sexual, religiosa e ao falar em variação linguística fala-se dos diferentes modos em que é possível expressar-se em uma língua, levando em conta as escolhas das palavras, a construção do enunciado e até o tom da fala, como a língua está em constante mudança as variantes surgem de acordo com sua região, seu grupo social, faixa etária e a língua escrita e oral. Sendo assim não existe uma forma correta de falar e sim a maneira mais adequada de se expressar de acordo com cada situação. Assim sendo, nenhuma ciência deve afirmar que haja erro em seu objeto de estudo e sim estudos e pesquisas que mostram que há diferenças a serem feitas para que se chegue a um denominador comum a respeito do que se busca e considerando tais diferenças em seus objetos de estudos então buscarem responder aos questionamentos feitos a respeito, nesse caso em relação a língua e suas variações sejam elas diacrônicas, diatópicas, diastráticas, diafásicas.

A variação diacrônica consiste em seu desenvolvimento a partir da história, dos acontecimentos no decorrer do tempo; a variação diatópica ocorre devido o local em que é desenvolvida, isso também se dá pela diversidade de cada região do Brasil; a variação diastrática é a que se manifesta através de grupos ou classes sociais; já a variação diafásica são as que surgem no contexto de dada situação, sejam elas formais ou informais

Dos tipos de variações linguísticas o presente artigo abordará a variação nominal e a variação verbal que se fundamentam no diz respeito ao que o aluno produz em língua oral ou escrita. Sabe-se que assim como na linguística de maneira geral há inúmeros exemplos de variação, na concordância também existem casos em que merece um pouco mais de

atenção e estudos de maneira particular, pois as mesmas se dão de muitas formas, a concordância nominal vai de encontro com o substantivo e seus referentes como o adjetivo, numeral, pronome, artigo. Concordância que ocorre no gênero masculino e feminino. Já a concordância verbal diz respeito ao verbo em relação ao sujeito, de maneira que o primeiro deve concordar em número sendo singular ou plural e pessoa na 1º, 2º;3º com segundo.

O docente deve está atento aos fenômenos linguísticos que ocorrem em sala de aula, reconhecer o perfil sociolinguístico de seus alunos para, junto com eles, empreender uma educação em língua materna que leve em conta o grande saber linguístico prévio dos aprendizes e que possibilite a ampliação incessante do seu repertório verbal e de sua competência comunicativa, na construção de relações sociais permeadas pela linguagem cada vez mais democráticas e não discriminadoras (BAGNO, 2006).

Para que se possa introduzir as assertivas acerca dos tipos de variação deve-se também trazer a gramática, pois é a partir da dela que surgiram muitos conceitos em torno da variação linguística. A criação da gramática, segundo Antunes (2007), nada mais foi, e continua ser, uma forma de controlar determinada língua contra ameaças de desaparecimentos e declínios, entretanto, esse controle apresenta interesses mais amplos que vão além da mera preservação da língua, entre eles estão interesses políticos, econômicos e sociais. A gramática não se limita somente a um tipo de ensino, pois a língua portuguesa é extensa e muito diversa.

Segundo Castilho (2014, p. 42), é preciso perceber que, “se você sair por aí catando teorias linguísticas e gramaticais, poderá ordená-las em várias direções, dependendo de seu interesse”. Com base nisso, o autor elenca, pelo menos, quatro sentidos que o termo língua pode compreender, a ela referindo-se como um conjunto de: - produtos estruturados, vinculado à Gramática Descritiva; - processos mentais, estruturantes, mais relacionado à Gramática Funcionalista Cognitiva; - processos e produtos que mudam ao longo do tempo, referente à Gramática Histórica; - usos bons, relativo à Gramática Prescritiva ou normativa que são as regras determinadas para dada língua.

“há vários tipos de gramática e o trabalho com cada um desses tipos pode resultar em trabalhos (atividades) distintos em sala de aula para o atendimento de objetivos bem diversos” (TRAVAGLIA, 2009, p. 30). Assim, para esse autor, o termo gramática pode se referir à:

a) gramática normativa que, focalizando a língua escrita, prescreve o conjunto de regras para o bem falar e escrever;

b) gramática descritiva que propõe uma descrição e explicação da estrutura e do funcionamento da língua (forma e função), abordando quaisquer variedades;

c) saber linguístico que permite ao falante usar a língua nas mais variadas situações. Referentes, especificamente, à estrutura e ao funcionamento da língua decorrem três outros conceitos:

d) gramática explícita ou teórica, que engloba estudos metalinguísticos que procuram explicitar a estrutura, constituição e o funcionamento da linguagem;

e) gramática reflexiva, estudos em explicitação, referindo-se mais a processos do que a resultados, representando trabalhos de observação e reflexão, com o objetivo de compreender a constituição e o funcionamento da língua;

f) gramática contrastiva ou transferencial que procura descrever duas línguas ao mesmo tempo ou, dentro de uma mesma língua, diferenças e semelhanças entre as variedades.

A essas definições, Travaglia (2009) ainda acrescenta outras:

g) gramática geral, que tenta comparar o maior número de línguas possível, buscando encontrar princípios aos quais as línguas obedecem;

h) gramática universal, de base comparativa, que procura descrever e classificar os fatos que podem ser observados e realizados universalmente nas línguas;

i) gramática histórica que compreende o estudo de diferentes fases de evolução de uma língua;

j) gramática comparada que analisa diferentes fases evolutivas de várias línguas ao mesmo tempo.

Travaglia (2009) apregoa que a gramática normativa acaba por focalizar os fatos da norma culta de uma língua tornada oficial, baseando-se, sobretudo, na escrita, atribuindo pouca, ou nenhuma, importância à modalidade oral, percebida, conscientemente ou não, como idêntica à escrita. Essa perspectiva não apenas descreve a norma culta, mas, também, apresenta e dita normas que representem o bem falar e escrever, isto é, regras para a correta utilização tanto da língua oral quanto da escrita, decidindo, assim, o que se deve usar ou não na língua. Azeredo (2002).

Entretanto sabe-se que a criação da gramática se deu devido a necessidade de padronizar a língua na sua forma escrita. “Trata-se de um estudo, que pelas condições de seu surgimento, se limita a língua escrita, especialmente a do passado, mais especificamente a língua literária e, mais especificamente ainda, a grega” (NEVES, 2002. p. 49). A

gramática tradicional por apresentar tantas vertentes para que se possa estudar e compreender melhor a língua, desde a apontar uma linha de pensamento mais fundamentado, mas o que a gramática em si não ensina é a variante linguística, pois se não esta nos livros tem-se como uma linguagem informal e desta forma um elemento fora dos parâmetros de estudos da língua portuguesa, pois o que a gramática ensina são as regras, o conjunto de escritas que vai de acordo com a sentença que se deseja. Tarallo (1986, p. 08) afirma que: "variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*". Com relação a regra da concordância nominal por exemplo, as variantes que se apresentam na escrita surgem como se tivessem em uma competição: a presença ou a ausência da regra de concordância nominal denuncia o uso de uma ou outra variante que é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) ou sociais (extralinguísticos).

No contexto de fala escrita surgem as diferenças de linguagem oral e escrita que apesar de serem modalidades diferentes, ambas são manifestações da linguagem verbal e tanto uma quanto a outra visam estabelecer comunicação.

Características da linguagem oral:

Há uma maior aproximação entre emissor e receptor.

Estabelece um contato direto com o destinatário.

É a mais espontânea e informal, usufruindo de maior liberdade.

Há uma maior tolerância relativamente ao cumprimento da norma culta.

É passageira e encontra-se em permanente renovação, não deixando qualquer registro.

Não requer escolarização, sendo um processo aprendido socialmente.

Usa recursos extralinguísticos como entonação, gestos, postura e expressões faciais que facilitam a compreensão da mensagem.

Não ocorre sempre linearidade de pensamento, sendo possível a existência de ruptura e desvios no raciocínio.

Apresenta repetições e erros que não podem ser corrigidos.

Apresenta maioritariamente um vocabulário reduzido e construções frásicas mais simples.

Características da linguagem escrita:

Há um maior distanciamento entre emissor e receptor.

Estabelece indireto com o destinatário e mais formal, sendo mais pensada e planejada.

Há um maior rigor gramatical e exigência de cumprimento da norma culta.

Tem duração no tempo e pode ser relida inúmeras vezes porque tem registro escrito.

Requer escolarização e uma aprendizagem formal da escrita.

Todas as indicações necessárias para a compreensão da mensagem são feitas através de pontuação e das próprias palavras.

Exige linearidade, ou seja, a existência de uma sequência de pensamento claro e estruturada.

Possibilita a revisão do conteúdo e a correção dos erros.

Deve apresentar um vocabulário variado e construções frásicas mais elaboradas.

A partir da compreensão de toda essa estrutura que abarca a escrita e oralidade a apresentação e análise dos textos dissertativos/narrativos sob a perspectiva da variação linguística, sabendo que a mesma tem essas variantes provenientes de uma dada região, um grupo social, o lugar onde mora. Dentre elas temos a variações:

A variação fonética, que é quando uma palavra é pronunciada de formas diferentes: a queda do “r” no final dos verbos, por exemplo, fala, vende; a variação morfológica que consiste nas formas constituintes das palavras como: a conjugação de verbos regulares pelo modelo de irregulares “vareia”, “negoceia” também a omissão do “s” como marca do plural de substantivos e adjetivos “ as amiga’, “as fora”, “os menino”; a variação morfossintática que nada mais é, que a junção da **Morfologia**, a qual estuda as palavras de acordo com sua classe gramatical, e a **Sintaxe**, onde o estudo centra-se na posição desempenhada pelas palavras em meio ao contexto linguístico, por exemplo, dizer “ dez real’ ao invés de “dez reais”; também há a variação sintática que diz respeito a correlação entre as palavras em uma frase, no caso do uso de pronome reto com outra função que não seja a de sujeito: “encontrei ele” ao invés de “encontrei-o”.

Na perspectiva das análises dos textos dissertativos/narrativos os gêneros textuais que se apresentam surgem a partir das produções dos próprios alunos sendo estes textos de cunho dissertativo e narrativo. Os textos narrativos caracterizam-se por ações presentes no

tempo/ espaço, que é dividida em: apresentação, desenvolvimento, clímax e desfecho; na maioria deles trabalhando a temática da literatura Amazonense. O texto dissertativo propunha aos alunos uma temática desafiadora, onde os mesmos pautavam um tema e levantavam argumentos a respeito, onde buscava-se defender o seu ponto de vista sobre o tema exposto, dividindo-o em: apresentação, desenvolvimento e conclusão. Os gêneros textuais são classificados de acordo com as características que cada texto apresenta.

Bakhtin “1979” não há uma comunicação verbal se não por meio de gêneros textuais, que são inúmeros, mas não infinitos, evidentemente. De qualquer modo, os tipos textuais são sequências linguísticas “sequências retóricas” limitadas, sem probabilidade de aumentar e abrangem as seguintes categorias, de acordo com Marcuschi 2008, p. 155.

O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar. Quando predomina um modo num dado texto completo, dizemos que esse é um texto argumentativo ou narrativo ou expositivo ou descritivo ou injuntivo.

Para caracterizar um texto como dissertativo o leitor tem que entender que este gênero textual possui sequências linguísticas predominantemente dissertativas, ou seja, que essa sequência expõe no caso dos textos dos alunos, uma ou mais teorias em torno do tema apresentado.

Referência Bibliográfica

ANTUNES, Irandé. Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: Encontro e interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico: o que é, como se faz? 45.ed. São Paulo: Loyola, 2006.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÈ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação e ensino.** São Paulo? Parábola, 2002.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BORTONI R, MARIS S. Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística & educação. São Paulo. *Parábola Editorial.* 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna.** 6ª ed. São Paulo: Parábola, 2009.

CALVET JL. Políticas Linguísticas. Florianópolis e São Paulo: Ipol. *Editora Parábola Editorial.* 2002.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** Trad. Marcionilo. São Paulo; Parábola, 2002.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Variação linguística, norma culta e ensino da língua materna. In: Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º. e 2º. graus – Coletânea de textos. São Paulo: SEE-SP/Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, v. 1, 1988. _____. Nova gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.

CYRANKA, Lucia Mendonça. Avaliação das variantes: atitudes e crenças em sala de aula. In: MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice (Org.). Ensino de Português e Sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2014

LABOV W. **Language in the inner city.** Philadelphia. University of Pennsylvania Press. 1972.

LABOV W. **The logic of nonstandard English.** Philadelphia. University of Pennsylvania Press. 1969.

LOPES, Ivenuta de Abreu. **Variação linguística e ensino da língua portuguesa:** alguns pressupostos básicos. In: COSTA, Catarina de Sena S. M. (Org.). *Linguística e ensino da língua portuguesa: sensibilidade cultural e interação didático-pedagógica.* Teresina: EDUFPI, 2000.

MOLLICA MC, BRAGA ML. *Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação.* São Paulo: *Editora Contexto.* 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

RIGONATTO, Mariana, **O que é variação linguística?** Brasil escola. Disponível em: <http://brasilescolauol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-varoacao-linguistica,htm>. Acesso em 29 Out 2020.

SAUSSUNA L. *O português brasileiro.* São Paulo. *Editora Método.* 2006.

SILVA EV, FREITAS LMA. Entrevista com Lúcia Furtado de Mendonça CYRANKA: contribuições das investigações da Sociolinguística Educacional para o Ensino da Língua Portuguesa. *In: Cadernos de Letras da UFF Dossiê: variação linguística e práticas pedagógicas.* 2015. 25(51): 15-22.

TARALLO, Fernando (1986). *A Pesquisa Sociolinguística.* São Paulo: Ática.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática.* 14 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

